FOLIÕES PREPARAM DESFILES, COM SESIMBRA E SINES À CABEÇA

Carnaval já mexe na região e promete saídas à rua em força

Pág. 5

Somos informação segura
semmais.pt

+ Região | Diretor Raul Tavares | Semanário Região de Setúbal | Edição n.º 1242 9.ª série | Distribuído com o Expresso

Sexta-feira 2 fevereiro 2024

semmais

ENTREVISTA EXCLUSIVA

Seixal é o concelho que está a crescer mais em toda a AML

O presidente da câmara do Seixal, Paulo Silva, garante que o município que lidera está com "uma grande dinâmica" e é o que tem crescido mais em toda a AML. Gaba os realojamentos "num modelo inovador", pontua investimentos que estão em curso e afirma que quer reforçar a identidade criativa e tecnológica do concelho. E promete lutas, pelo hospital e pela chegada do Metro Sul do Tejo.

Págs. 8/9

Reportagem no interior do bairro do 2.º Torrão

Um ano após os realojamentos, o local continua a receber novos residentes, quase todos africanos. As queixas são muitas, mantendo-se o estigma de um bairro mesmo muito pobre.

Pág. 2

ANA recorre de veto ao aeroporto no Montijo

Pág. 4

Vinhos raros renascem na Quinta da estalagem

Laboratório de vinhos históricos e castas antigas, a Quinta da Estalagem, no Barreiro, vai apresentar dois produtos de origem romana, outro que remonta ao XVII e o famoso Bastardinho.

Pág. 6

1,5 milhões edificam posto da GNR no Poceirão

Pág. 10

POPULAÇÃO DO 2.º TORRÃO CONTINUA À ESPERA DA PROMETIDA DEMOLIÇÃO

Bairro está maior e com mais pobres

Um ano após os realojamentos dos moradores cujas casas estavam ameaçadas pelo Tejo, o mais pobre de todos os bairros pobre da Trafaria tem mais habitantes. Agora são quase todos africanos, sobretudo angolanos. O Semmais visitou o interior e recolheu um rol de queixas, onde a que mais parece incomodar é o abandono.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM SEMMAIS

HÁ UMA ESTRADA por onde circulam muitos carros, alguns descapotáveis, deixando os ocupantes banharem-se com o sol do meio-dia. No lado esquerdo, no sentido ascendente, existem várias vivendas de grande porte. Ouve-se falar inglês, francês, italiano. No lado contrário uma mata tapa o casario. Depois de uma caminhada pelo meio das árvores, evitando bolas das temíveis lagartas dos pinheiros, descobre-se uma imenso casario miserável, espalhado por becos e ruelas plantadas ao sabor da imaginação e da necessidade de cada um. É o Bairro do 2.º Torrão, a zona mais pobre da Trafaria, Almada, cujo fim já foi anunciado há mais de um ano mas que, entretanto... aumentou.

"Não tenha dívidas. Depois de terem retirado daqui umas centenas de pessoas, aquelas que moravam nas casas que corriam o risco de ser invadidas pelo rio (Tejo), as que estavam construídas sobre as valas, o bairro aumentou. Agora há muita gente a fazer o primeiro andar. Acho que se saíram 500 pessoas, devem ter entrado pelo menos 1.000", diz António Duarte, 58 anos, desempregado desde que uma rebarbadora "me lixou uma perna" e que há 11 anos foi viver para um dos mais mal afamados bairros do concelho, depois de também ter andado pela Covilhã e pelo Porto. "Trago sempre comigo uma pasta com algumas ferramentas, porque faço uns biscates, que isto de viver com um subsídio de 200 euros não chega para nada", conta ao Semmais antes de recusar ser fotografado.

António Duarte, ao redor do qual se juntam num ápice diversos homens africanos que se encontravam no interior de uma venda, diz que "acabar com esta miséria que se vê aqui é coisa, na melhor das hipóteses, para sete ou oito anos". "Foi o que eu entendi quando cá esteve a ministra das Infraestruturas. Mudaram os que tinham as casas ameaçadas, mas deixaram o resto e ninguém diz para quando tomam a decisão de acabarem com isto. Entretanto, o bairro vai crescendo. As pessoas vêm para aqui porque não conseguem pagar rendas noutros sítios", afirma.

Ao seu lado está Narciso, um jovem que veio de Angola há três anos. Vai conversando com os vizinhos. O assunto do dia, mais do que os esgotos deficientes, os arruamentos inexistentes, o lixo que se acumula em todo o lado e os ratos que se passeiam soberbos e impunes, são as falhas constantes da rede elétrica. "Vai dando para acender uma luzes, mas depois há picos e tudo o que estiver ligado, os eletrodomésticos, rebenta. Andamos nisto há muito tempo, já desde agosto, e ninguém resolve. Quem mais sofre são as crianças", atira. Uma voz ao lado lembra que nem tudo é tão mau quanto parece: "Quem se está a safar é o homem que vende lâmpadas. Estão sempre a rebentar por causa dos problemas de corrente. Ele vai vendendo, mas até já tem pena da malta e sugere que compremos velas, que sempre sai mais barato".

ENQANTO SE ESPERA... "VIVE-SE COMO SE PODE"

Os sons africanos que chegam vindos de diversas casas abarracadas conduzem-nos por alguns locais que são de imediato desaconselhados. "Não vá por aí, que eles ali não são muito de falar", diz Maria Monteiro, uma cabo-verdiana que chegou ao 2.º Torrão há cerca de 12 anos. "Primeiro fui para Aveiro, mas depois o meu homem teve um acidente e viemos para aqui. Foi onde conseguimos ficar com o pouco dinheiro que tínhamos", explica. Ao lado um homem ainda jovem acena afirmativamente e lembra que vive num anexo sem pagar nada. Antes tomava conta da casa de uma mulher que foi para Inglaterra e ela deu-me o sítio onde estou. Agora faço como os outros. Vivo como posso". Fotografia? "Nem pensar. A malta daqui não é muito disso. Olhe, fotografe esta bicicleta, que foi roubada", refere outro dos moradores.

As tascas e as mercearias são uma constante. Há homens e rapazes a beberem cerveja em todas elas. Também há umas panelas onde fervilham comidas africanas. "É uma maneira de as pessoas ganharem algum dinheiro. Fazem uma panela de comida, porque há sempre quem não tenha jeito para cozinhar", lembra António Duarte, negando, no entanto, a possibilidade de a maior parte dos residentes não trabalharem.

"Nada disso. Se vier aqui às cinco da manhã vai ver uma data de gente a caminho dos empregos". As mulheres para as limpezas, a maior parte dos homens para as obras.

Mas, por estranho que possa parecer, também há quem entre diariamente no bairro para vir trabalhar. Esse é o caso de Likosa, um congolês de 64 anos. "Moro no Laranjeiro com a minha mulher e os meus filhos e venho para aqui todos os dias, porque é aqui que trabalho", diz-nos enquanto nos recebe no interior de uma minúscula mercearia, construída num gaveto. Ali vende-se de tudo, desde detergentes a pequenas utilidades. Os 15 anos que leva naquele local permitem-lhe ter uma opinião credível sobre a zona: "Não tenho queixas de ninguém e dou-me bem com todos. Claro que a maior parte das pessoas gostaria de sair daqui, nem que seja para fora da Trafaria. Mas as pessoas são pobres e se o Estado não ajudar, como é que vão deixar esta pobreza?".

COMISSÃO DIZ QUE PROJETO DA AUTARQUIA VAI ESTIGMATIZAR FUTUROS HABITANTES

Moradores de Aires sugerem construção de prédios de rendas acessíveis

A ideia, dizem, é evitar que se construa um gueto no local onde o município pretende edificar 40 fogos de rendas apoiadas.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO **IMAGEM** DR

OS MORADORES do Bairro de Aires, no concelho de Palmela, continuam a contestar a construção de quatro prédios de arrendamento apoiado defendido pelo município para aquela zona. Esta semana, após mais uma reunião com os responsáveis camarários, a comissão que representa os residentes, voltou a referir que, tal como é apresentada, a obra se assemelha a um gueto e propuseram que três dos edifícios projetados possam passar a ser de renda acessível.

"Como está projetada, a obra vai estigmatizar as pessoas que para lá forem morar. Somos contra isso e entendemos que o atual projeto pode, no futuro, causar um aumento de insegurança na zona", disse ao Semmais Vítor Caldeirinha, um dos elementos da associação criada para que seja revertido a estratégia local de habitação prevista para Aires.

O projeto municipal prevê a construção de 40 fogos, distribuídos por 32 apartamentos em quatro prédios e oito moradias destinadas a famílias que tenham dificuldades em poder habitar nos outros edifícios. "Isso é o que se fazia nos anos 80. Entendemos que as pessoas deveriam ser integradas, indo morar para prédios já existentes, e não devem ser colocadas em conjunto numa área especialmente criada para o efeito", sublinhou Vitor Caldeirinha, lembrando também que a comissão que integra "não é contra a habitação social", e que defende a criação de casas de renda acessível que sejam "disponibilizadas para os jovens que vivem em casa dos pais por não terem rendimentos que lhes permitam ter casa própria".

ASSOCIAÇÃO DIZ TEMER AUMENTO DA INSEGURANÇA

"Neste momento a CIMZA (a associação que integra os moradores de Aires, Cabeço Velhinho, Padre Nabeto, Volta da Pedra e Estação de Palmela) representa cerca de 4.000 pessoas. Existe uma preocupação que tem a ver com o sistema preconizado de ocupação de terreno, mas também com a estigma que pode surgir bem como com o eventual aumento da insegurança no local", reforçou Vitor Caldeirinha, lembrando que o projeto, conforme foi apresentado pela câmara de Palmela, deverá ser concretizado dentro de dois anos (já estão identificados os possíveis moradores), sendo que até lã pode incluir pessoas que cheguem de momento e nem sequer são moradoras no concelho.

Na semana passada, em declarações ao Semmais, o presidente do município, Álvaro Amaro, considerou infundados os receios da CIMZA e referiu que havia manipulação dos dados divulgados, Recorde-se, por fim, que numa reunião recente, os moradores abandonaram o local após ouvirem o projeto apresentado pelo autarca que referia não existirem bairros sociais no concelho. Numa gravação que circula na Internet o autarca, comentando o abandono da sala, diz "é só cheganos", sugerindo que o Chega poderia estar a instrumentalizar a questão.

7 DIAS

TRANSTEJO SOFLUSA RECEBE MAIS DOIS NAVIOS ELÉTRICOS

Dois novos navios da frota 100% elétrica da Transtejo Soflusa (TTSL), o "Garça-Vermelha" e o "Flamingo-Rosa", já chegaram a Lisboa, estando agora em fase de vistorias técnicas, anunciou a empresa esta segunda-feira. Na mesma nota a TTSL revelou ainda que o "Cegonha Branca", que já realizou viagens experimentais com passageiros a bordo, no trajeto entre o Seixal e o Cais do Sodré, deverá começar a operar nesta ligação no final de abril.

ULS DO ARCO RIBEIRINHO CRIA EQUIPA FIXA NA URGÊNCIA GERAL

A Unidade Local de Saúde do Arco Ribeirinho (ULSAR), que integra o Hospital Barreiro-Montijo, criou uma equipa médica fixa apenas dedicada ao Serviço de Urgência Geral, que entrou em funcionamento a 22 de janeiro. Em causa está, diz Vasco Firmino, diretor da urgência geral da ULSAR, "as inúmeras vantagens que trará aos utentes e instituição".

BISPO DE SETÚBAL ENCONTRA-SE COM PAPA FRANCISCO

O Cardeal D.Américo Aguiar, bispo de Setúbal, foi recebido na passada sexta-feira pelo Papa Francisco, no Vaticano. O encontro, segundo o Vatican News, serviu para "relembrar a JMJ que ocorreu no último ano". Em vídeo gravado pelo Cardeal, o Papa recordou ainda uma centenária portuguesa com quem se encontrou durante a JMJ e a jovem de Lisboa doente terminal que lhe escreveu uma carta por ocasião do evento.

INCRÍVEL ALMADENSE VAI FAZER ESTUDO ACÚSTICO GRAÇAS A BENEMÉRITA

A Sociedade Filarmónica Incrível Almadense (SFIA) anunciou, segunda-feira, que vai avançar com um estudo acústico da sala Cine Incrível para aferir quais as obras a efetuar para que possa voltar a ter concertos ao vivo. Esta iniciativa surge graças a uma sócia benemérita e visa ter um parecer técnico certificado para que a música volte à sala, cumprindo com as imposições judiciais.

HOMEM DE 42 ANOS BALEADO EM ALMADA

Um homem de 42 anos sofreu ferimentos graves depois de ter sido atingido a tiro na Trafaria, concelho de Almada, adiantou à Lusa fonte da GNR, acrescentando que um suspeito foi detido. O incidente ocorreu ao final da tarde de terça-feira e segundo testemunhas uma discussão entre vizinhos terá originado os disparos.

Comemorar mais um aniversário do Clube de Campismo de Setúbal no ano em que se assinalam os 50 anos de Abril assume especial significado para todos os que aqui se fizeram antifascistas.

André Martins,
presidente da câmara de Setúbal, no 77º aniversário do Clube de Campismo de Setúbal

CDPCC espera há 14 anos um novo **recinto** desportivo

Grupo Desportivo dos Pescadores da Costa da Caparica aluga o campo de jogos durante o verão para a realização de feiras diárias. Prometeram-lhes um relvado na Praia da Mata, mas ninguém resolve o problema resultante da liquidação do Costa Pólis.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO **IMAGEM** DR

O GRUPO DESPORTIVO dos Pescadores da Costa da Caparica (GDPCC) espera, há 14 anos, pela construção de um novo parque desportivo, para que possa abandonar as instalações que têm 80 anos e que foram edificadas em 1924, numa zona que hoje está rodeada de prédios de habitação e que, em três meses de verão, serve de recinto para uma feira diária, gerando assim as receitas fundamentais para a sua sobrevivência.

"Estamos há muitos anos à espera que seja cumprido o prometido e que a Costa Pólis construa na zona da Praia da Mata o nosso recinto, fundamental para manter em atividade mais de 300 jovens da Costa da Caparica", disse ao Semmais Hidel Matias,o presidente daquela que é uma das mais antigas e titulas instituições desportivas do distrito de Setúbal.

O dirigente, antigo futebolista do clube e avançado promissor que, na época de 1986/87 até foi transferido para o Sporting (um salto direto da 3.ª para a 1.ª Divisão Nacional) explicou que a promessa de construção de novas instalações surgiu com o programa Costa Pólis (reestruturação do aglomerado urbano da cidade). Até 2010 as instalações desportivas que a coletividade ocupava, na Avenida Dom Sebastião, deveriam passar da posse do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social para o clube. "Foi uma promessa que nunca foi cumprida e que não permitiu, sequer, fazer melhorias nas infraestruturas. Continuamos à espera, conforme ficou então estabelecido, que nos construissem o parque desportivo na Praia da Mata, mas até agora não se fez nada e o clube nem sequer consegue ter acesso, desde 2008, às verbas a que teria direito. Hoje, a nossa sobrevivência é um verdadeiro milagre, apesar dos esforços dos cerca de 450 sócios que pagam três euros mensais", explicou Hidel Matias.

TERRENO PERTENCE À CÂMARA E À JUNTA

Um dos proprietários do terreno onde se localiza o atual parque desportivo foi a Parque Expo, que entretanto foi extinta. Posteriormente o espaço passou para o Costa Pólis, que entretanto entrou em processo de liquidação. O espaço passou a ser propriedade da Câmara Municipal de Almada (60 por cento) e da Junta de Freguesia da Costa da Caparica (40 por cento). "Temos os nossos advogados a tratar do assunto, e, de vez em quando, surge aqui uma advogada da outra parte. Mas não vemos que isto chegue a uma solução", acrescentou o dirigente.

Atualmente o clube tem futebol, jiu-jitsu e halterofilismo. Num futuro próxima espera-se ter uma equipa de futebol de praia a competir na 2.ª Divisão Nacional. "A ideia é sempre conseguir mais e melhor dando possibilidade aos jovens da cidade de praticarem desporto. A equipa sénior de futebol, por exemplo, está em primeiro lugar no campeonato da 1.ª Divisão Distrital da Associação de Futebol de Setúbal. Tem cinco pontos de avanço sobre os segundos classificados e, portanto, boas possibilidades de conseguir a subida à 3a Divisão Nacional", adiantou o presidente.

ANA vai recorrer de **veto** ao Montijo para construção do novo aeroporto

ICNF considera que existe perigo efetivo para cerca de 30 por cento das aves que existem nas imediações da Base Aérea N.º 6.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO **IMAGEM** DR

A ANA - AEROPORTOS e Navegação Aérea, vai recorrer da decisão de não ter sido prorrogada a Declaração de Impacto Ambiental (DIA) relativa à construção de um aeroporto no Montijo. A decisão deste recurso, cujo prazo de apresentação é de dez dias, só deverá ser conhecida dentro de alguns meses. "O mais provável é que o recurso seja aceite, apesar dos novos pressupostos ambientais do ICNF para que a DIA não fosse renovada", disse ao Semmais fonte conhecedora do processo.

"Os pressupostos apresentados baseiam-se num estudo de uma universidade inglesa que refere que a construção na Base Aérea N.º 6 pode causar danos na avifauna (diminuição de cerca de 30 por cento). No entanto, anteriormente, os estudos não consideraram esse aspeto determinante. Trata-se, apreciando o processo, de retirar algo que já antes fora concedido e que poderá levar à vitória do recurso", explicou a mesma fonte.

Ainda de acordo com os pareceres do ICNF, parece ganhar força a opção pela construção do aeroporto no atual Campo de Tiro de Alcochete. Mesmo que também ali existam condicionalismos relacionados com a fauna e com a flora. "O que parece evidente é que Alcochete pode preencher a vaga, tendo em conta os encargos financeiros que a obra acarreta e que não são apenas relativos à construção das infraestruturas, mas também dos acessos e ligações a Lisboa. Assim, o novo parecer sobre a avifauna no Montijo pode não ser mais que um pretexto económico. Todos sabemos que o Estado não tem dinheiro e que a opção final será tomada em função da capacidade económica", adiantou ainda o mesmo responsável.

O Semmais contactou o presidente da câmara do Montijo, Nuno Canta, que ao longo de todo o processo tem vindo a defender a construção do aeroporto no seu concelho mas que, em simultâneo, tem dito que respeitará a decisão que o Governo tomar. "Neste momento, enquanto presidente da autarquia, não me quero pronunciar sobre esse assunto. Relembro apenas que as questões relacionadas, por exemplo, com as aves, são recorrentes em todo o tipo de grandes obras. Foi assim, por exemplo, quando se construiu a Ponte Vasco da Gama. Hoje o que podemos ver é que naquele local existem cada vez mais aves", disse.

Também o líder do executivo de Alcochete, Fernando Pinto, falou ao nosso jornal. "Prefiro, para já, não me pronunciar sobre o que terá sido recomendado pelo ICNF. Não conheço o que terá sido dito, por exemplo, sobre as questões ambientais na zona do Campo de Tiro e, por isso, até porque ainda existem muitos trabalhos em curso por parte da Comissão Independente, não me pronuncio. Aliás, o próprio primeiro ministro já disse publicamente que qualquer decisão sobre a localização do novo aeroporto só deverá acontecer após a tomada de posse do novo Governo", afirmou.

Folia e muitas cores prometem animar **Carnaval** na região

Corsos e bailes garantem muita animação. Carros alegóricos, borrifados de críticas em várias áreas da sociedade, escolas de samba, palhaços e foliões vão dar um colorido especial às ruas de Sesimbra, Sines, Montijo, Alhos Vedros e Pinhal Novo.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS **IMAGEM** DR

COM UM ORÇAMENTO de 260 mil euros, o Carnaval em Sesimbra centra-se, sobretudo, no desfile das nove escolas e grupos de samba, nos dias 11 e 13, e no dos Palhaços, no dia 12, que envolvem mais de mil participantes para alegrar a avenida marginal. Como novidades, haverá mais lugares de bancada, que atingirá os 360, e dezasseis camarotes. A partir das 22h00 haverá animação com DJ´s, no Largo da Marinha e Praça da Califórnia. Segundo o município, o Carnaval sesimbrense continua a ser "um dos mais belos do país", pelo que este ano aposta no "reforço da segurança" e na criação de "mais lugares de bancada pagos".

Já em Sines, 180 mil euros fazem a festa. Além dos bailes, são dezassete os carros alegóricos que prometem animar a cidade nos corsos a realizar entre os dias 11 e 12. Os Reis deste ano são Joaquim Dias e Elsa Silva, que pertencem à escola de samba Beija Flôr. A comissão de Carnaval estima receber cerca de 2.500 pessoas. A APP Carnaval de Sines é a novidade criada este ano, onde podem ser obtidas todas as informações sobre a edição 2024. Rui Encarnação espera dias "radiantes" e "cheios" de visitantes para assistirem ao "melhor" Carnaval do país. Se o tempo ajudar, as expetativas apontam para "50 mil visitantes". O Entrudo está agendado para dia 14, com um desfile pelas ruas da cidade que culmina no Largo Poeta Bocage.

O Carnaval do Montijo, organizado pela Associação dos Antigos Alunos Somos Peixinho, com o apoio da câmara e das juntas, tem agendados corsos e bailes. São esperadas mais de 70 mil pessoas na Avenida dos Pescadores e na Praça da República, locais por onde vão passar mais de dois mil foliões e mascarados oriundos dos vários clubes e associações do concelho. Para o município, o evento assume "feições populares, sem muita exuberância e luxúria, mas com muita alegria e folia". Já Fernando Belo, da organização, vinca que o desfile noturno promete ser "mais belo" que a estreia no ano passado.

Em Alhos Vedros são esperadas cerca de 20 mil pessoas para assistirem aos corsos na Avenida Teófilo Braga. Os três carros alegóricos têm como fonte de inspiração os signos do zodíaco. A Rainha Cindy Almeida e as Damas de Honor Andreia Gaspar e Inês Gaspar desfilam e representam as constelações. Os festejos envolvem cerca de 220 figurantes.

No Pinhal Novo, o Grupo Carnavalesco Amigos de Baco leva para a rua o corso no dia 13. Cerca de meia dúzia de carros alegóricos e muitos foliões irão desfilar na Avenida da Liberdade. O município realça que o evento tem "impacto" na freguesia e atrai à vila "muitos visitantes", sendo já "uma referência" na região.

Moradores no bairro do Rio Judeu já foram **realojados**

IMAGEM DR

AS 22 FAMÍLIAS residentes no núcleo habitacional precário do Rio Judeu, freguesia da Amora, já foram realojadas, no decorrer de uma operação que decorreu entre terça e quarta-feira.

Este realojamento, explica a autarquia, insere-se no âmbito do Plano Municipal de Habitação do concelho do Seixal 2021/2026, que visa dar resposta às carências habitacionais do município.

Em comunicado, o presidente Paulo Silva explica que se trata de um programa da política municipal de habitação que pretende criar condições para que os custos com o acesso a uma casa "adequada e permanente" sejam "compatíveis com o orçamento financeiro das famílias que vivem em situação de carência financeira".

O autarca salienta que o objetivo é "promover a integração social da pessoa ou da família, pelo que as soluções habitacionais adotadas promovem a integração na comunidade, alterando o paradigma até então instalado, em que o realojamento das populações apenas se concretiza com a construção de bairros sociais".

PUBLICIDADE

Vinhos históricos e raros **renascem** na Quinta da Estalagem em Palhais

Laboratório de vinhos históricos e castas antigas, a Quinta da Estalagem, no Barreiro, vai apresentar dois produtos de origem romana, um outro que remonta ao século XVII e, futuramente, o famoso Bastardinho

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM DR

MAIS DO QUE um local de produção agrícola ou do que um sítio à beira rio, a Quinta da Estalagem, em Palhais, no concelho do Barreiro, é uma espécie de laboratório onde se estudam e recuperam castas e vinhos antigos. O licoroso Bastardinho, que deve o nome à casta com que é feito, é apenas um dos exemplos de segredos sacados ao período medieval, mas há outros mais antigos, nomeadamente os aromáticos, que já seriam feitos pelos romanos.

Teresa Canas Martins é psicóloga de profissão e, juntamente com o marido, que é engenheiro, resolveram em 2017 plantar a vinha onde hoje medram algumas castas antigas e com as quais se fizeram vinhos de grande reconhecimento. "Verificámos que no brazão do Barreiro havia vinhas representadas mas, de facto, na região, já não se encontravam vestígios da produção. Daí termos iniciado o nosso trabalho de pesquisa". Diz também que "não temos um objetivo vincadamente comercial, mas antes procuramos recuperar as castas e os modos de fazer vinhos noutras eras". É, portanto, numa área que não excede os seis hectares, com o Tejo por companhia, que ali aguardam para ver a luz do dia uma pequena produção do já referido Bastardinho, mas também um branco de curtimenta que remonta ao século XVII e dois romanos que, este mês, já podem ser degustados.

"O Bastardinho está a estagiar e talvez só dentro de dois anos seja consumido. Trata-se de um branco licoroso e feito com uvas muito doces, que lhe conferem elevado teor alcoólico. Era um vinho que em tempos predominava nesta margem do Tejo, apesar de a casta estar espalhada um pouco por todo o país. No Norte, por exemplo, juntam-na com outras castas. Foi um vinho com tamanha notoriedade que, com o Carcavelos e um outro cujo nome não recordo, integrou o grupo de os Três Pimpões, assim chamados por serem de elevada qualidade e terem bastante procura", explica Teresa Canas Martins.

A raridade do Bastardinho pode ser atestada com o facto de atualmente, no mercado, apenas existirem algumas garrafas da José Maria da Fonseca. "Descobriram cerca de 40 barricas em armazém e estão a comercializá-lo", conta.

FABRICO RECRIA MÉTODOS COM TRÊS SÉCULOS

A produtora adianta também que está apto a ser bebido um branco que, por arte do enólogo Virgílio Loureiro, recria o modo de fabrico utilizado há mais de 300 anos. "É um vinho de curtimenta, que não é filtrado e que se bebe à temperatura ambiente", explica. Este vinho, assim como a maioria dos que remontam à Idade Média, é branco. Existe uma explicação curiosa para o facto. "Nessas épocas havia a ideia de que o tinto representava a cor do sangue do Diabo, ao passo que o clarete (branco com um ligeira tinta) era bem mais apreciado, por simbolizar até o sangue de Cristo", diz.

Por fim, restam neste lote de novidades etílicas e históricas, dois vinhos que já seriam produzidos pelos romanos quando ocuparam a região. "São aromáticos e têm, historicamente, especificidades diferentes", afirma Teresa Canas Martins. "Apesar de serem vinificados em talhas, nada têm a ver com o chamado vinho de talha. Um tinha função medicinal, porque seria indicado para tratar de melancolias e depressões, enquanto o outro, diz-se, teria capacidades afrodisíacas", adianta a produtora, não revelando, contudo, quais as substâncias aromáticas e as respetivas quantidades utilizadas no fabrico. Estes dois produtos já estão no mercado.

Oito vinhos da península premiados no Concurso de Vinhos do Crédito Agrícola

Oito vinhos da península de Setúbal receberam a Medalha de Ouro na 9ª edição do Concurso de Vinhos do Crédito Agrícola, promovido em parceria com a Associação dos Escanções de Portugal.

A Casa Ermelinda Freitas foi a produtora da região que conquistou mais distinções, um total de cinco, nomeadamente com "Sauvignon Blanc & Verdelho 2022", "Dona Ermelinda Reserva DO Palmela 2022" e "Comporta 2021", nos brancos; e nos vinhos tintos "Casa Ermelinda Freitas Syrah Reserva 2021" e "Casa Ermelinda Freitas Quinta da Mimosa 2021".

Seguiu-se a Cooperativa Agrícola Sto. Isidro de Pegões que arrecadou dois prémios, uma em vinhos brancos e a outra nos tintos. Foram distinguidos o "Adega de Pegões Colheita Selecionada 2022" (branco) e o "Adega de Pegões Grande Reserva 2021" (tinto).

A fechar o raning da península aparece a Adega Cooperativa de Palmela, que conquistou uma medalha nos tintos com o "Adega de Palmela Colheita Selecionada 2019".

As distinções foram entregues no passado dia 12, numa cerimónia na Estufa-Fria, em Lisboa, onde esteve presente a ministra da Agricultura, Maria do Céu Antunes; o presidente do Grupo Crédito Agrícola, Licínio Pina; o presidente da Associação dos Escanções de Portugal, Tiago Paula; o presidente do Instituto da Vinha e do Vinho, Bernardo Gouvêa; o presidente da Vini Portugal, Frederico Falcão; assim como os representantes das Comissões Vitivinícolas Regionais, produtores de várias regiões vitivinícolas e responsáveis das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo de todo o país.

No total, estiveram em concurso 246 vinhos - brancos, tintos e espumantes – de 99 produtores nacionais, das várias regiões vitivinícolas do país. O júri, constituído por "por enólogos, enófilos e jornalistas especializados no sector", distinguiu nas provas cegas, realizadas a 21 de outubro, 75 vinhos, dos quais 70 com a "Medalha de Ouro", três com a "Grande Medalha de Ouro" e ainda, uma novidade do concurso deste ano, duas distinções para "Vinho de Produção Sustentável". Na premiação destacaram-se as regiões do Alentejo (19 medalhas), Douro (15 medalhas) e Dão (nove medalhas) que fizeram o pódio no concurso.

"O Concurso de Vinhos do Crédito Agrícola tem como objetivo promover e colocar à prova a qualidade dos vinhos nacionais, procurando gerar novas oportunidades de negócio e dinamização das comunidades onde desenvolve o seu trabalho em contacto direto com as pessoas. Esta é mais uma iniciativa do Grupo Crédito Agrícola para apoiar o sector vitivinícola, cooperativas e produtores locais, e o desenvolvimento das economias locais", lê-se no comunicado.

PUBLICIDADE

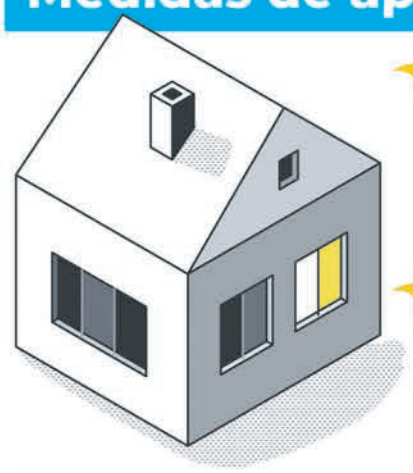
Câmara Municipal de Setúbal

SETÚBAL
MUNICÍPIO PARTICIPADO

APOIOS MUNICIPAIS DE COMBATE À CRISE PARA 2024

O Município de Setúbal mantém e reforça, em 2024, algumas das medidas de apoio a famílias, empresas e instituições do concelho, uma vez que o cenário de crise ainda se mantém, afetando em particular as pessoas com orçamentos menores.

Medidas de apoio às famílias



REDUÇÃO DA TAXA DE IMI

IMI 2023 a liquidar em 2024 desce nos prédios urbanos, de 0,4% para **0,37%**

APLICAÇÃO DO IMI FAMILIAR

Reduções dos valores consoante o número de dependentes

ISENÇÃO DO IMT

Para jovens até 35 anos que comprem casa própria no concelho até **200 mil euros**

REDUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO VARIÁVEL NO IRS

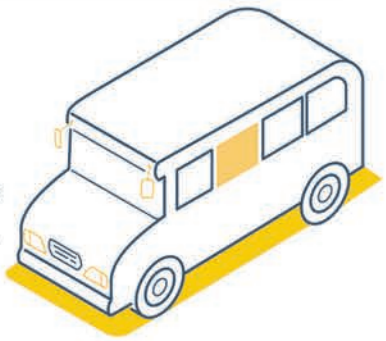
Desce para **3,5%**

APOIOS AO ESTACIONAMENTO

- Bolsas exclusivas para residentes
- Primeiro dístico gratuito e desconto nos seguintes

TRANSPORTE ESCOLAR GRATUITO

Para todos os alunos do concelho, incluindo em circuitos especiais, transporte adaptado e/ou acompanhado



APOIOS ESCOLARES ALARGADOS

- Refeições e lanches gratuitos para alunos dos 1.º e 2.º escalões
- Isenção de pagamento das atividades de animação e apoio à família para beneficiários dos 1.º e 2.º escalões

APOIO DE 10 EUROS NA AQUISIÇÃO DO PASSE NAVEGANTE MUNICIPAL

Mantém-se em 2024, válido para o território do concelho de Setúbal

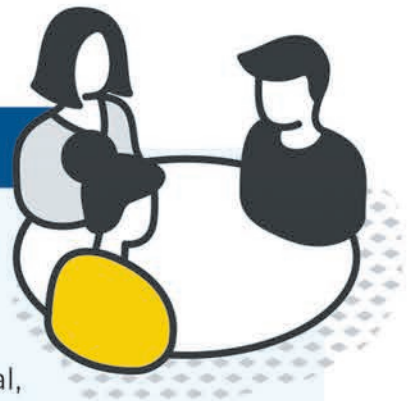
Medidas de apoio às empresas e instituições

ISENÇÃO DE DERRAMA SOBRE IRC

Para empresas com volume de negócios inferior a 150 mil euros

FUNDO DE APOIO SOCIAL NO VALOR DE 300 MIL EUROS

Reforço de **50 mil euros** para apoiar instituições de solidariedade social, associativismo e entidades desportivas e culturais



PRESIDENTE DA CÂMARA DO SEIXAL E A VISÃO DE FUTURO PARA O MUNICÍPIO

"O nosso concelho está a atravessar um período de grande desenvolvimento"

Orgulhoso do concelho estar a atrair cada vez mais residentes e empresas, Paulo Silva, garante que o Seixal está a fazer apostas certeiras, nomeadamente no nicho das novas tecnologias. Mas continuam as lutas e as reivindicações.

ENTREVISTA RAUL TAVARES
IMAGEM SEMMAIS

Entrou com o mandato a decorrer, já conseguiu atingir os objetivos da sua estratégia?

Assumi a presidência numa ótica de continuidade de um grande trabalho que a CDU tem feito no concelho e que o tem transformado num dos mais desenvolvidos do país. Por outro lado, esta assunção foi feita com base na concretização do programa eleitoral e é esse programa que estamos a concretizar, independentemente da mudança de presidente.

Há uma continuidade, então. Estava preparado para este desafio?

Vou fazer uma confissão, preferia que tivesse tido mais algum tempo como vereador. Mas respeito a decisão do meu camarada. É um desafio de alguém que nasceu e sempre viveu no Seixal, com muitos anos de assembleia municipal, e sempre com uma grande preocupação com o desenvolvimento deste concelho.

Em jeito de balanço, que destaques faz deste período?

Estamos a fazer um trabalho muito profícuo, transversal a todas as áreas. Verificamos uma grande dinâmica no desporto, por exemplo. Ao longo de 2023 foram mais de 720 eventos, com a participação de mais de 45 mil pessoas. Há jovens campeões distritais, nacionais e até europeus e mundiais. Isto é fruto de um grande trabalho do movimento associativo, das freguesias e da câmara. Mas também com o Seixal Cultural, que é já um marco no concelho, e que juntou, em três semanas, uma centena de projetos, envolvendo 70 associações. Não esquecendo o trabalho do Teatro da Terra, uma companhia profissional virada para a infância, o Animateatro e as companhias de teatro amador. Há aqui uma atividade cultural muito intensa, basta ver o nosso auditório com espetáculos quase sempre lotados, os concertos e outros eventos que arrastam milhares de pessoas.

O concelho está com dinâmica?

Uma dinâmica ímpar. Não é por acaso que fomos considerados como o concelho que mais está a crescer na Área Metropolitana de Lisboa (AML), o que faz com que as pessoas procurem a nossa qualidade de vida, com grande oferta desportiva, parques urbanos de grande qualidade e a nossa baía cada vez com mais vida. Além das empresas que se querem aqui instalar. Tudo isto mostra que estamos a atravessar um período de grande desenvolvimento. E é um orgulho fazer parte disto.

Não tocou nos problemas, mas as dificuldades são muitas, nas áreas da saúde, da educação, da habitação...

O que acontece é que tudo aquilo que é competência da câmara vemos uma evolução grande, onde aparecem os problemas é naquilo que é da competência do poder central.

Isso não é exagero da sua parte?

Não, não é. Basta andar, falar e ouvir as queixas das pessoas. Mas, sim, essas questões da saúde são uma dificuldade. O hospital, por exemplo, tem que ser a câmara a desenvolver procedimentos e contactos para que o projeto avance.

Esse processo continua inquinado...

Está por resolver. Está-se na fase de elaboração do projeto. Mas depois o que é que se vê...

Que quer dizer com isso?

Refiro-me ao processo judicial relativo à elaboração do projeto. Uma das empresas impugnou o concurso e foi até ao Supremo Tribunal Administrativo.

Já transitou em julgado, o que é que falta?

Falta terminar o projeto. Mas depois vemos situações que são inconcebíveis. Repare, tivemos que marcar uma reunião aqui na câmara entre administração de saúde (responsável pela elaboração do projeto) e a Infraestruturas de Portugal, para ultrapassar questões de acessibilidades. São duas instituições que são do Estado, mas tivemos que ser nós a diligenciar para que se sentassem e resolvessem o problema.

E agora, acredita que o hospital arranque ainda neste seu mandato?

Eu acredito sempre e vou trabalhar para que se concretize. Mal do autarca que não acredita ou desiste. Sobretudo quando está em causa um projeto tão essencial para o concelho.

Está desapontado, promete mais luta?

Prometo sim. Foi-me prometido que o projeto estaria pronto no final do primeiro trimestre de 2023, depois passou para o segundo trimestre, depois para o final do ano. Agora é o primeiro trimestre de 2024. Vamos ver.

A saúde é mesmo um nó górdio do município?

Se fosse só no Seixal, mas o pior é que em todo o país.

Mas tem números desse impacto no concelho?

Posso dizer que há cerca de 40 mil residentes no Seixal sem médico de família. Tem um impacto grande. Mas o que me deixa mais apreensivo, é que as vagas que são abertas para médicos no nosso ACES são todas preenchidas. Aliás, somos a única região da AML em que isso acontece, porque temos essa capacidade de atração.

Então qual é o problema, falta abrir mais vagas?

Claro, precisamos de mais vagas. Temos que continuar a reivindicar, porque o concelho e os seixalenses pagam, no seu conjunto, cerca de 500 milhões de euros por ano de impostos.

É por isso que não quer receber mais competências do Estado?

Temos uma máquina muito flexível, capaz de se adaptar, mas tenho dúvidas sobre recebermos mais competências.

Então?

Olhe, na educação mandaram-nos a propriedade das escolas, mas não temos as chaves das mesmas. Este mês, estávamos a fazer obra de arranjos exteriores de uma escola, houve necessidade das equipas irem trabalhar a um sábado e a direção dessa escola disse que não. 'Nós não podemos cá vir, não entregamos as chaves', foi a resposta.

Isso é quase uma caricatura...

É uma caricatura mas foi mesmo assim. Somos proprietários do espaço, mas a gestão é da direção escolar, que está dependente do ministério. Neste processo, mandaram-nos os assistentes operacionais e assistentes técnicos, e o ano passado, só num centro, faltou dois milhões de euros para pagar. Reclamámos e nada. Ou melhor, deram mais 60 mil euros.

Elogio ao antecessor

Paulo Silva garante que não esperava a saída do seu antecessor antes do final do mandato, mas compreende. "O engenheiro Joaquim Santos foi um grande presidente da câmara, um homem que dedicou 20 anos da sua vida ao Seixal e o concelho tem uma divida de gratidão por conta de tudo aquilo que ele deu ao serviço do município", afirma. "Iniciou a sua vida autárquica aos 25 anos e é diferente recomeçar uma vida profissional aos 46 ou aos 50. Estava na altura de tomar essa opção, pois não apostou numa carreira profissional pela causa pública a que se dedicou com espírito de missão", acrescentou.

É um rotundo 'não' a novas competências na área da Saúde?

Sim, só estaremos disponíveis nessa área, quando o Governo passar a cumprir as obrigações que assumiu na educação.

Sei que não está sozinho, mas há câmaras com opções diferentes. É uma questão partidária?

Não me parece haver aqui uma questão partidária. É uma questão de se querer resolver as situações. Eu sou dos mais reivindicativos na península de Setúbal sobre o deficit da educação. Já aconteceu autarcas do PS pedirem-me para continuar a fazer barulho. Nós não temos medo, estamos aqui para defender as populações e as suas necessidades.

Na questão dos transportes houve um entendimento perfeito, mas saiu do bolso...

Pois, no nosso caso são mais de 2,7 milhões de euros. Mas a redução dos passe, de 90 ou 100 euros para 40, é um ganho muito importante para as famílias. Tal como os livros e manuais escolares gratuitos. Duas grandes conquistas que tiveram a marca do PCP no Parlamento.

Mas dá algum crédito ao Governo de Costa nesta matéria?

Quanto tenho que elogiar, não tenho problema nenhum em fazê-lo. Alias, tenho um excelente relacionamento com o Dr. António Costa, estivemos juntos na faculdade quando eu fui presidente da Associação Académica da Faculdade Direito Lisboa, ele era advogado da Associação. Não estou aqui só para criticar. Por exemplo, ao nível da habitação, temos conseguido fazer um entendimento que tem permitido avançar com a resolução de Vale de Chicharos ou com o realojamento de mais 22 famílias do Rio Judeu. Esperava apenas o Governo fosse mais rápido no reembolso das verbas investidas.

Como está esse processo ao nível da Estratégia Local de Habitação?

Para já, estamos a resolver o problema da habitação degradada, em Vale de Chicharos, Rio Judeu e Santa Marta, num total de cerca de 500 famílias. Vale de Chicharos está praticamente resolvido, com o realojamento de 240 famílias. Esta semana ficaram realojadas as 22 famílias do Rio Judeu. Agora é avançar com o processo de Santa Marta. Quero frisar que este é um modelo inovador, que está a ter êxito por não criar novos bairros sociais, que são autênticos guetos, pelo contrário há dispersão das famílias pela malha urbana do concelho.

> *Não me importo de ser um dos autarcas mais reivindicativos da nossa península, porque faço-o em nome da população.*

E para Santa Marta já há financiamento?

Já devia estar mais avançado. O ano passado chegámos a ter 20 milhões da câmara à espera para esse efeito. O IHRU está obrigado a reembolsar os municípios no prazo de 30 dias, mas tivemos situações que demoraram ano e meio. É possível acelerar o processo de Santa Marta até final de 2025, mas não podemos ter assim tanto dinheiro empatado, não temos condições para continuar a fazer isso, porque ficam outros investimentos comprometidos. E mais, do reembolso dos 20 milhões ainda nos estão a dever 4,5 milhões.

Dos outros pilares da ELH o que está pensado?

Avançar no arrendamento acessível, com rendas entre os 350 a 400 euros. Já apresentámos uma série de candidaturas. Esta semana vamos escriturar a aquisição do antigo prédio do Centro de Saúde de Corroios, que vai ser transformado em habitação.

> *O nosso modelo de realojamento é único e inovador, é disperso na malha urbana, não cria novos bairros sociais, nem guetos.*

Há alguma meta em termos de número de fogos?

O objetivo é chegarmos aos 500 fogos para este segmento. A equipa de planeamento está a identificar alguns terrenos que possam integrar esta bolsa.

O Seixal tem aumentado o número de residentes, mas é preciso criar emprego...

Posso dizer que somos o concelho da península que mais empresas tem conseguido atrair. O que tem mais empresas PME líder e PME excelência. Isto mostra que temos um tecido empresarial forte e dinâmico. O caso da Hovione, uma das grandes empresas em Portugal que mais aposta na investigação científica, vai criar 200 novos empregos, e pela área de expansão que adquiriram vai certamente multiplicar por cinco ou seis vezes mais. A marinha portuguesa vai instalar o Instituto Hidrográfico num polo na Azinheira, projeto Sensortech, de poluição e estudo dos oceanos, que vai trazer mais empresas de base tecnológica. A Siemens vai ampliar a sua presença. Recentemente tive uma reunião com uma multinacional do imobiliário que fez um estudo de mercado sobre a AML, concluindo que o Seixal era o melhor concelho para investir. São muitos os exemplos, que comprovam esta dinâmica.

Dar prioridade ao MST

A extensão da linha do Metro Sul do Tejo até ao Seixal é uma prioridade. O edil diz que é "incompreensível" que a solução não arranque. "Com mais 1,8 quilómetros o metro chegava a freguesia da Amora e eram mais 50 mil pessoas que passava a servir. Era só fazer o percurso da oficinas do MST, "sem obstáculos e aproveitando o espaço canal", para chegar à estação de comboios de Foros de Amora", afirma. Há algumas promessas, mas esta reivindicação vai continuar. E admite que o projeto possa ser avaliado fora da alçada da gestão da Sociedade Arco Ribeirinho Sul.

A zona da siderurgia, do Arco Ribeirinho Sul, continua parada?

A questão do ARS é fundamental. Já tive ocasião de dizer ao Sr. ministro das Finanças que queremos indústria nos terrenos da Siderurgia.

Sabe há quantos anos não se fala de soluções para essa zona?

Sei, sim. Mas temos que dar tempo. Esta reunião foi em abril.

A câmara faz parte do conselho consultivo...

Em oito meses a câmara foi convocada para uma reunião. Não pode ser assim. Estamos a falar da requalificar zonas fundamentais, e que podem ser polos de desenvolvimento do concelho para instalação de novas industrias.

O concelho já não dispõe de grandes bolsas de terrenos industriais?

Temos o PIS e temos o Casal do Marco, que tem vindo a crescer, além do Pinhal das Freiras, com uma área grande. Temos soluções, mas ali era importante.

Há uns anos o turismo não tinha grande expressão, hoje é um pilar estratégico?

Sem dúvida. Temos a nossa baía, que é um ex-libris, e tem que continuar a ser potenciada. Estamos a desenvolver as praias fluviais e vemos hoje, no verão, a praia do Seixal cheia. Este ano, pela primeira vez, tivemos nadadores salvadores e apoios na praia da Trindade, onde pretendemos desenvolver um complexo de desportos de verão, com primazia ao futebol de praia. Quero ver se no próximo verão já está em funcionamento. Também vamos melhorar a praia dos Pinheirinhos.

E novas unidades hoteleiras?

O empreendimento hoteleiro da Mundet, vai ser inaugurado até ao final do ano. Foi comprado recentemente o palácio de CheiraVentos, e terrenos envolventes, para aproveitamento hoteleiro e recuperação histórica. Está a avançar o Surf-City Lisbon, em Corroios, que foi considerado um projeto de interesse nacional, onde vai ser criada a primeira piscina de ondas em Portugal, e projeta 600 postos de trabalho. E ainda o Ecoresort de Belverde, em desenvolvimento.

Desagregação da AMRS

Preocupado com a desagregação da AMRS, Paulo Silva acusa o PS de ter agido por motivos partidários, com a saída da associação de municípios de três câmaras (Moita, Almada e Barreiro) geridas pelos socialistas. "Sabiam perfeitamente que o orçamento não esticava e que essa posição iria afetar o MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Exigiam reduzir as quotizações, mas nunca explicaram onde se podia fazer cortes, colocando em causa o museu", critica. Mas mesmo com menos 400 mil euros de orçamento, acredita que a AMRS vai dar a volta por cima.

Vai resolver o problema da falta de oferta?

São projetos que vão ajudar a suprir essa falta, mas revela também esta atração do concelho, que tem uma gastronomia excelente, que faz com que muitos atravessem o Tejo para vir aqui almoçar. A propósito disso, fomos contactados por um grupo espanhol que quer desenvolver a futura marina do Seixal.

Como posiciona hoje o concelho em termos estratégicos?

Cada vez mais com uma centralidade maior, não só na AML, também no país, que se está a impor com projetos inovadores e para o futuro. Temos o Seixal Criativo, virado para as novas tecnologias, em áreas como a realidade virtual, realidade aumentada, a robótica, a prototipagem, a ciência de dados. São áreas fundamentais para o futuro mas que só são dadas na universidade. No nosso caso, criámos um programa de acesso a essas áreas para os jovens ao nível do secundário.

É outro cluster para identidade futura?

É um projeto estruturante. Contratámos o professor António Câmara e o professor Edmundo Nobre, para articularem este projeto e está a ser um sucesso. Foi considerado o melhor projeto da área tecnológica 2023, por parte da Exame Informática. Isto mostra a visão que temos para o futuro do concelho.

Outra grande marca dos últimos tempos é o hidrogénio verde...

Claramente. É um combustível do futuro e fomos é o primeiro concelho do país a desenvolver este projeto. Temos uma rede própria com 80 consumidores, que já vai com 12,5% de injeção de hidrogénio verde na rede de gás natural. Já cá tivemos os embaixadores da Alemanha e do Japão, países considerados expoentes máximos em tecnologia, para conhecer o projeto. E isso orgulha-nos muito.

Sente-se um vencedor no que toca à futura localização do aeroporto?

Houve uma altura em que o Seixal esteve quase sozinho pela opção de Alcochete e não era, como se disse, por razões ideológicas. Vamos ver como avança o processo, porque apresenta a melhor visão para a região e para o país. Tenho apenas muita pena de as câmaras terem perdido o poder de veto nestes investimentos estratégicos e estruturantes.

INFRAESTRUTURA ERA REIVINDICADA HÁ VÁRIOS ANOS

Cerca de 1,5 milhões 'edificam' Posto da GNR em Poceirão

Financiamento é garantido pela tutela, tendo a autarquia assumido a responsabilidade de quase todos os processos. Fixação de militares e reforço da sensação de segurança justificam o investimento.

TEXTO DAVID MARCOS **IMAGEM** DR

A FREGUESIA DE POCEIRÃO e Marateca, no concelho de Palmela, vai ter um novo Posto Territorial da GNR no terreno da antiga Escola Básica de Poceirão, após a câmara ter aprovado, na última reunião do executivo, a abertura do concurso público para a construção do referido edifício.

O projeto era uma reivindicação antiga da população, edilidade e militares. "É uma enorme satisfação poder honrar compromissos, num processo em que a autarquia se empenhou desde a primeira hora. Passámos da fase da reivindicação e da denúncia à construção de soluções.", sublinha ao Semmais Álvaro Amaro, presidente da câmara.

As condições das atuais instalações da GNR no Poceirão são consideradas reduzidas, pelo que foi necessário avançar para a construção de um novo edifício. "A falta de condições e de dignidade das instalações, que têm grandes repercussões no atendimento ao público, mas também na fixação de militares, eram fatores de enorme preocupação. Era inacreditável, as pessoas tinham de se deslocar ao Pinhal Novo. Em boa hora se conseguiu avançar para a sua construção", refere o autarca.

Este processo arrancou em 2020, com a assinatura de um Protocolo de Colaboração que visava o Contrato de Cooperação Interadministrativo entre a câmara, a Secretaria geral do Ministério da Administração Interna (MAI) e a GNR, que foi rubricado apenas em novembro de 2023, no valor de 1.494.537,63 euros.

EQUIPAMENTO VAI OFERECER MELHORES CONDIÇÕES

De acordo com dados da autarquia, o financiamento é assegurado pelo MAI, tendo o município assumido, além da cedência dos terrenos, a responsabilidade pelos licenciamentos e autorizações, o lançamento dos procedimentos, respetiva execução e trabalhos de fiscalização, coordenação de segurança em obra e ramais, assim como as despesas com custas, emolumentos e taxas.

A construção do novo posto é encarada com particular importância já que, além de oferecer mais dignidade aos militares, possibilita também uma melhoria no atendimento aos habitantes do Poceirão e Marateca, mas também de Canha, já no concelho do Montijo.

"É fundamental neste epicentro. Estamos a falar de uma área de 300 quilómetros, com muitos aglomerados rurais e muitas edificações dispersas, e as patrulhas na rua, a visita a alguns montes e casarios de idosos isolados, a presença junto do comércio é importante. Por isso é preciso criar as condições para os militares ali colocados, para que depois não pensem em regressar às suas terras, ou para outras localidades, porque não tinham condições de pernoita, higiene, acolhimento e de privacidade de vítimas. É um investimento estratégico para fixar militares e reforçar esse sentimento de segurança", sublinha Álvaro Amaro.

Separação do lixo doméstico no Montijo pode **reduzir** taxas em quase um milhão

No Montijo são mais de 6.000 as famílias que já aderiram ao programa "Sobras têm Valor". A câmara, que já investiu quase 900 mil euros, pretende levar o projeto a toda a cidade.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO **IMAGEM** DR

SÃO JÁ mais de 6.000 famílias que aderiram, no Montijo, ao programa "Sobras têm Valor". Trata-se de uma iniciativa camarária que visa promover a separação de bioresíduos e, desse modo, contribui para fazer diminuir a taxa cobrada pela empresa contratada para fazer o tratamento. Por outro lado, esta separação de lixo pode igualmente permitir o aproveitamento de restos suscetíveis de serem utilizados na agricultura.

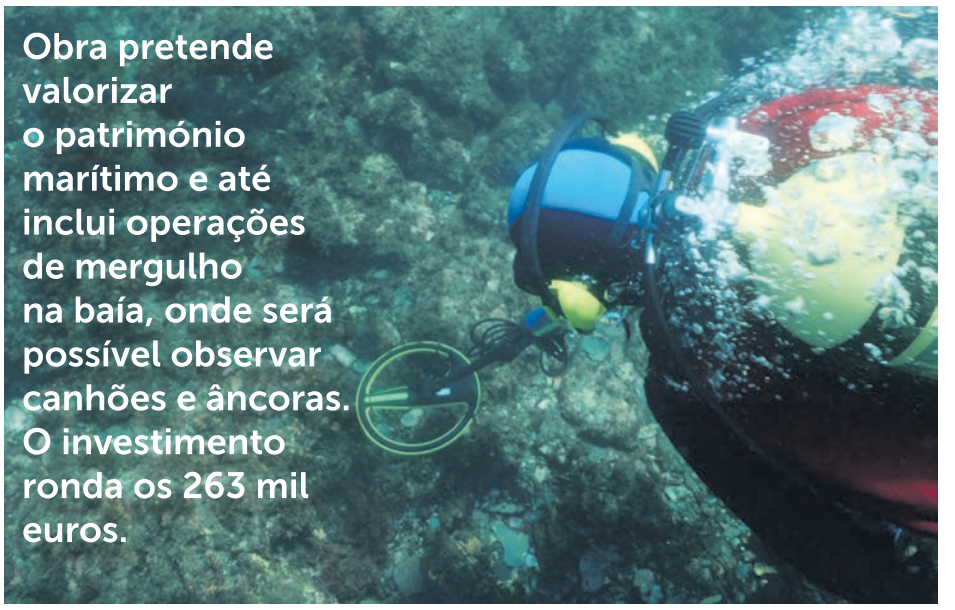
"Atualmente a Câmara Municipal do Montijo paga por ano, à Amarsul, cerca de 2,9 milhões de euros para que sejam tratados os resíduos alimentares. Com a campanha "Sobras Têm Valor" em marcha desde 2023, já mais de 6.000 famílias aderiram à separação deste tipo de lixo. São pessoas a quem é fornecido um cartão que permite abrir os recipientes especiais criados para esta recolha seletiva. A separação tem vantagens efetivas, quer seja em termos ambientais, quer seja em termos económicos", disse ao Semmais o presidente do município, Nuno Canta.

As expetativas do executivo municipal são de que a adesão dos cidadãos seja ainda maior e que, em breve, possa abranger a quase totalidade dos mais de 40 mil residentes. "No ano passado iniciámos esta campanha nos bairros mais novos. Agora é altura de a expandirmos a toda a cidade. Já fizemos um investimento de 872 mil euros, verba destinada à aquisição de dois camiões especiais, dos contentores e do sistema informático que permite manter os utilizadores em segurança, nomeadamente no que diz respeito à proteção de dados, uma vez que os cartões utilizados possuem diversos indicadores pessoais, tal como seja o número de contribuinte", adiantou ainda o autarca.

Nuno Canta explicou ainda que os bioresíduos que estão a ser separados são, sobretudo, restos de carne ou peixe, vegetais ou cascas de batatas, legumes ou ovos. "São matéria orgânica que não deve ser misturada com outros desperdícios domésticos. A sua reutilização, nomeadamente em fins agrícolas, é viável e livre de qualquer risco. Por isso mesmo foi feito o investimento em dois camiões, os quais já se encontram a recolher o que é separado. Calculamos que no Montijo, das 29.000 toneladas de resíduos domésticos que anualmente são produzidos, cerca de 50 por cento sejam bioresíduos. Trata-se de matéria que não será depositada nos aterros sanitários e que pode ser reutilizada. Criam-se condições para desenvolver uma economia circular. Os custos de tratamento do lixo serão, portanto, muito inferiores ao que se costuma pagar", disse.

Parque **Subaquático** de Sines deverá abrir até março

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM DR


Obra pretende valorizar o património marítimo e até inclui operações de mergulho na baía, onde será possível observar canhões e âncoras. O investimento ronda os 263 mil euros.

ESTÁ A NASCER um novo polo turístico e cultural em Sines. Trata-se do Parque Arqueológico Subaquático, empreendimento que tem um custo estimado superior a 263 mil euros e que já se encontra concluído desde outubro de 2023, perspetivando-se que possa começar a ser visitado no primeiro trimestre deste ano.

Em declarações ao Semmais, o presidente da câmara, Nuno Mascarenhas, explicou que esta obra teve início após ter sido garantido o cofinanciamento de fundos europeus, que irão cobrir também os trabalhos de arqueologia subaquática. "As obras dos pavilhões destinam-se a dar apoio ao Parque Arqueológico Subaquático de Sines, o primeiro a funcionar em Portugal", explicou o autarca, adiantando que os trabalhos irão dar a conhecer "o património submerso na baía e outro proveniente dos trabalhos de prospeção noutros pontos da costa do concelho".

"Numa primeira fase os pavilhões irão acolher as peças de grandes dimensões, como canhões e âncoras, cujo processo de conservação e restauro tem sido acompanhado por todos os interessados. Mas existe igualmente a possibilidade de fazer mergulho e visitar peças que estão ou virão a estar no fundo da baía", adiantou ainda Nuno Mascarenhas. "É por isso que o equipamento que prevemos inaugurar em breve tem balneários de apoio a atividades de mergulho, facilitando o acesso de turistas e outros interessados que queiram visitar no seu meio natural um conjunto de objetos de grandes dimensões e cujo contacto com o ar poderia contribuir para o aceleramento da corrosão", acrescentou.

Falando ainda sobre o acervo, o autarca diz que "existem peças recolhidas do fundos marinhos que remontam à época romana, como é o caso dos dois cepos de âncora, em chumbo, recolhidos na Praia de São Torpes na década de 1960". Esses são achados estão atualmente no Museu de Sines e irão juntar-se a outras peças, nomeadamente fragmentos de ânforas ou até ânforas intactas que por vezes são recolhidos nas redes dos pescadores. "São vestígios que atestam a importância de Sines nas rotas marítimas da antiguidade, mas haverá ainda mais para descobrir, pois são muitas as informações nos arquivos acerca de naufrágios ocorridos nesta costa", afirmou.

Neste momento, ainda de acordo com Nuno Mascarenhas, os especialistas estão a estudar canhões, alguns com mais de três metros, e também um conjunto de âncoras que, supostamente, pertenceram a navios do século XVIII.

Misericórdia de Santiago investe 5,1 milhões para **construir** lar em Santo André

Equipamento vai contar com duas salas de refeição, quartos, serviços de enfermagem, ginásio para reabilitação e fisioterapia, apoio domiciliário, centro de dia e instalações sanitárias.

TEXTO DAVID MARCOS **IMAGEM** DR

ESTÁ LANÇADA a primeira pedra da futura Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) em Vila Nova de Santo André, em Santiago do Cacém, uma empreitada da Santa Casa da Misericórdia do concelho implica um investimento de 5,1 milhões de euros.

"Estamos a falar de uma necessidade que estava identificada há duas décadas. Inclusivamente, através da paróquia já tinham sido feitas tentativas, a câmara já nos tinha cedido o terreno, mas para fazer um investimento desta dimensão é preciso dinheiro e coragem. Mas foi um compromisso que assumimos", disse ao Semmais o provedor Jorge Nunes.

A contribuir para o avultado investimento está o Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES), da Segurança Social, que irá financiar a obra em 2,3 milhões. A autarquia também entrou nas contas e, além da cedência dos terrenos, apoia a empreitada com 500 mil euros.

O futuro equipamento, que deverá estar pronto em ano e meio, conta, segundo o provedor Jorge Nunes, com duas salas de refeição, 22 quartos duplos, oito singles e oito mistos, serviços de enfermagem, ginásio para reabilitação e fisioterapia, apoio domiciliário, centro de dia e 58 instalações sanitárias. O projeto contempla uma receção e sala de espera, snack-bar, cabeleireiro, gabinetes para técnicos, salas de reuniões, balneário para colaboradores e salas de atividade e convívio.

A provar a importância do novo lar estão as previsões da resposta imediata à procura. "Assim que abrir vai ficar cheio, de certeza. Temos uma lista de espera de cerca de uma centena, de pessoas que não têm mesmo alternativa e que estão em situações complicadas", sublinhou o provedor.

Nesse sentido, a autarquia santiaguense saúda o projeto, congratulando-se, também, por ter sido parte ativa deste processo. "É um velho sonho, porque Vila Nova de Santo André precisava mesmo deste equipamento. Estamos a falar do maior polo urbano do concelho. Apesar de ser uma cidade relativamente jovem, a população que ali se foi mantendo vai envelhecendo e precisa destas respostas", referiu o presidente da câmara, Álvaro Beijinha, afirmando que "quando se concluir a obra em Santo André, Santiago do Cacém passará a ter cinco lares.

Praça de Touros espera **obras** há três anos

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A PRAÇA DE TOUROS Carlos Relvas, em Setúbal, está em risco de ruína. Adquirida há cerca de três anos pela câmara, deveria sofrer obras de requalificação e restauro de modo a transformar-se num centro multiusos mas, até agora, nada foi feito.

A denúncia do estado de abandono foi feita no início do ano pelos vereadores do PS na autarquia. Fernando José, um dos eleitos, disse ao Semmais "não compreender as razões pela qual o presidente do município não explica porque ainda não avançou um projeto que terá três anos". "A câmara gastou cerca de 1,4 milhões na aquisição da praça, que era propriedade privada, e comprometeu-se a transformar o espaço numa área multiusos, com a obrigatoriedade de ali se continuarem a realizar espetáculos taurinos, entre outros. Mas até hoje não só não se efetuou qualquer trabalho como não foi dada qualquer explicação sobre a ausência dos mesmos", disse.

"Já solicitámos uma reunião com o presidente, André Martins, para que nos sejam prestados esclarecimentos sobre o projeto e aguardamos uma resposta. Entretanto vai-se deteriorando. Há locais que ameaçam ruína e existe também uma parte do seu espólio, nomeadamente cartazes de grande raridade, que se perdem devido às infiltrações", adiantou Fernando José.

As reclamações dos eleitos do PS são repetidas pelos responsáveis da Protoiro, associação representativa do setor taurino em Portugal. De acordo com o secretário geral, Hélder Milheiros, "foram feitas diversas tentativas para que o espaço pudesse ser recuperado e utilizado para fins tauromáquicos, mas a câmara nunca nos deixou avançar nem deu qualquer explicação".

Hélder Milheiros diz que há cerca de um ano, uma vez que as obras de restauro não se iniciaram, a Protoiro se ofereceu para "impedir a progressão da degradação". "Fazíamos a recuperação para que fosse possível realizar corridas de touro. Os custos eram suportados pelo setor taurino. Até hoje ainda aguardamos que algo nos seja comunicado. Parece que haverá dificuldades na obtenção dos fundos necessários para fazer a obra, mas a verdade é que o presidente não dá explicações", disse ao Semmais.

O dirigente da Protoiro adiantou que "vários empresários e instituições" estariam na disposição de suportar os custos para que a Carlos Relvas pudesse receber espetáculos até que se desse início à concretização do projeto multiusos.

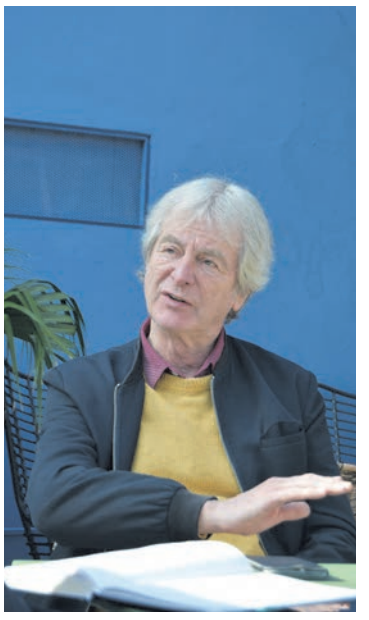
O nosso jornal contactou ainda a autarquia para saber em que ponto se encontra o projeto. A resposta foi de que o presidente André Martins não irá fazer qualquer comentário público para além dos que efetuou numa das últimas sessões da Assembleia Municipal onde, de resto, também não esclareceu os vereadores que tentaram inteirar-se da situação.

"HISTÓRIAS QUE AS PAREDES CONTAM" EM SETÚBAL ENCERRAM COM EXEMPLO NORTE-IRLANDÊS

A importância do muralismo político social pela experiência de Bill Rolston

TEXTO DAVID MARCOS
IMAGEM DR

Detentor de uma vasta obra e de um arquivo fotográfico de murais de todo um mundo, em especial de Belfast, o Catedrático Emérito da Universidade do Ulster conversou com o Semmais sobre a sua visão desta arte.



Como surgiu este interesse e paixão pelo muralismo?

Não havia nada na minha juventude que previsse este interesse. Nunca estudei arte, nunca tive grande capacidade para pintar ou desenhar e, olhando para trás, acho que não tinha grande interesse. Só que em 1981 acontecem as greves de fome dos prisioneiros republicanos na Irlanda do Norte e começaram-se a pintar muitos murais em Belfast em apoio a esses prisioneiros em áreas nacionalistas e eu vivia numa dessas áreas. Comecei a fotografá-los, a ter interesse pela mensagem e por saber quem os pintava. Fiquei fascinado com quem consegue fazer arte com a política. É interessante ver como é que consegue pegar em ideias políticas complexas e transformá-las em imagens e desenhos e com isso se perceba o pensamento e a mensagem que querem passar. Comecei como um passatempo, mas ocupa quase toda a minha vida. Além de obra que já publiquei e do meu acervo fotográfico, hoje recebo muitos e-mails com pessoas a quererem conhecer os murais em Belfast, a pedirem ajuda para teses académicas e até convites para participar em sessões ou eventos mundiais sobre muralismo.

Recebeu com surpresa este convite para vir a Setúbal?

Um pouco, não estava à espera. A ideia original era para fazer uma participação online, apesar de preferir estar presencialmente. Acabou por se concretizar, felizmente, talvez porque tenha confessado que já não vinha a Portugal há muitos anos. Só cá tinha vindo em 1978.

Como é que a organização e a autarquia receberam o seu desafio para aderir à iniciativa "Painting for Palestine"?

A iniciativa nasceu em Belfast. Umas mulheres palestinianas estiveram lá e depois de verem os murais, na "International Wall", decidiram que seria interessante fazer uma série de murais em Ramallah, na Cisjordânia com artistas irlandeses. Uma senhora, chamada Ranah entrou em contacto comigo, também achei uma grande ideia, mas chegámos à conclusão que seria demasiado dispendioso e muito provavelmente, por alguns dos muralistas se tratarem de antigos prisioneiros políticos irlandeses, o Estado de Israel nunca concederia o visto. O que decidimos foi serem esses muralistas a mandarem os desenhos para a Ranah e ela desenvolvia a iniciativa lá. Só que depois de 7 de outubro tornou-se impossível. Como não quisemos deixar a iniciativa morrer, os muralistas de Belfast irlandeses propuseram receber os desenhos dos palestinianos e pintarmos na "International Wall", aproveitando para promover internacionalmente a ação no Facebook. Quando fui convidado, a organização pensou que seria interessante, a autarquia não levantou objeções, pintar um mural aqui também, que acabou por ser de um desenho que não foi pintado em Belfast.

O que destaca da sua intervenção na sessão "Dos Troubles ao Brexit - a expressão muralística na Irlanda do Norte"?

Espero que entendam os murais do meu tempo, que possam conhecer a sua história e o verdadeiro simbolismo. Depois, e acaba por ser uma coisa forte que quero sempre passar, a própria perceção do que acontece na Irlanda, em particular no Norte, mais especificamente em Belfast, onde as pessoas não se conseguem dar umas com as outras, ainda existem muitas divisões e confronto. Acho que essa é uma visão muito simplista. Na minha opinião é muito mais complexo e está relacionado com o colonialismo e a influência britânica, porque isso explica o que os nacionalistas e os unionistas pintam. Por último, é a forma como os murais fazem parte incontornável de Belfast. As pessoas pintam murais há 100 anos, expressando emoções e acho isso um sinal de vitalidade política, apesar de muitas vezes vivermos numa sociedade pouco saudável politicamente, onde ocasionalmente os próprios murais são ofensivos. Ainda assim, continuo a acreditar que é importante que as comunidades se expressem desta forma, tão aberta e pública, nas nossas paredes e muros. Devia ser encorajado, é algo bastante democrático.

Os murais ainda servem, sobretudo, para mensagens políticas e sociais ou já são exclusivamente artísticos?

A resposta curta acaba por ser sim. Contudo, a questão é um pouco mais complexa. Os murais que tenho fotografado e estudado estavam em áreas da classe trabalhadora. Agora, em Belfast, começa a haver muitos mais artísticos que não estão nestas áreas e há várias razões para isso, mas está também relacionado com o facto de os artistas ficarem marcados por pintarem em zonas de uma comunidade. Hoje, a maioria não quer ficar associado a nenhuma comunidade ou uma mensagem política, preferem pintar em "zonas mais seguras". A tradição, contudo, nas áreas da classe trabalhadora continua lá, decaiu um pouco, mas acho que irá continuar. Existem duas razões para que os murais deste tipo continuem a existir. O imperialismo não morreu na Irlanda do Norte com os acordos de 1998, a presença britânica ainda é muito forte e muitas vezes maligna. E depois existem eventos internacionais, onde as pessoas estão em sofrimento, como em Gaza, e nós vivemos isso na pele. Não é arrogância, mas conhecemos e vivemos também os nossos problemas.

Evento procura revisitar **tradição** muralista na cidade do Sado

TEXTO DAVID MARCOS
IMAGEM DR

OS MURAIS pintados em Setúbal e as lutas que estes representavam foram revisitados e estudados, através do projeto "Histórias que as Paredes Contam", pela investigadora Helena de Sousa Freitas. "A ideia surgiu na esteira da minha tese de doutoramento e ganhou forma pela vontade de restituir a Setúbal algo que considero parte da sua identidade, história e memória: uma revisitação dos murais pintados na cidade e das lutas que os fizeram nascer", sublinha ao Semmais a investigadora.

A iniciativa ganhou forma e promove várias ações em torno do muralismo, ganhando contornos especiais nos 50 anos do 25 de Abril. "Este é o principal objetivo, para onde convergem intenções, como a de suscitar o debate em torno da prática muralística ou a de animar a cidade com novas obras, enraizadas na atualidade. O momento não podia ser mais propício, dado estarmos a celebrar o cinquentenário do 25 de Abril, data indissociável da grande explosão de murais no país", explica Helena de Sousa Freitas.

Representativas destas iniciativas são as conversas com especialistas nacionais e estrangeiros . Em Setúbal estiveram já nomes como Mono González (em setembro), artista chileno considerado o mais antigo muralista do mundo e Bill Rolston (na passada terça-feira), Catedrático Emérito da Universidade do Ulster. Das figuras nacionais, destaque para Margarida Mata, diretora artística da revista FOmE, e José Teófilo Duarte, diretor de arte e curador.

A iniciativa contemplou também a pintura de murais e contou com "Painting for Palestine", ideia lançada por Bill Rolston que levou à representação do

desenho "A window to a free country" da artista palestiniana Azhar Al Majed na Avenida Manuel Maria Portela.

Para encerrar o ciclo , Helena de Sousa Freitas revela que está em "preparação um livro sobre o tema" com lançamento agendado para finais de abril e ainda um documentário. Está ainda planeada mais uma exposição fotográfica e a pintura de mais três murais.

Teatro da Terra coloca em **palco** no Seixal "Romeu e Julieta"

O drama bebe das palavras de Shakespeare, mas reflete, também, uma visão atual da sociedade. Temas intemporais são explorados nesta peça, através de uma linguagem contemporânea e uma estética visual ousada.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS
IMAGEM DR

APÓS UMA DIGRESSÃO em Tondela e Famalicão, a peça dramática "Romeu e Julieta", de William Shakespeare, pelo Teatro da Terra, voltou ao palco do auditório do Fórum Cultural do Seixal, onde permanece até sábado, dia 3 de fevereiro, sempre às 21h00.

Maria João Luís, atriz, encenadora e diretora da companhia, adiantou ao Semmais que o espetáculo teatral está a ser "muito bem" aceite pelo público. "Já fizemos tour e em todas as salas tivemos casa cheia", sublinha, acrescentando que, no global, "Romeu e Julieta" já foi visto por "mais de mil pessoas" e tem tido "muita procura no Seixal". Como mensagem da peça, destaca que "o poder e a regra podem ser fatais".

Nesta versão de "Romeu e Julieta", com tradução e adaptação de Fernando Villas-Boas, o Teatro da Terra propõe-nos um espetáculo que bebe das palavras de Shakespeare, mas que reflete, também, uma visão atual. Com uma linguagem contemporânea e uma estética visual ousada, a peça explora temas intemporais, como o amor, a violência, o ódio e a reconciliação. A peça aborda, ainda, questões sociais e políticas, destacando a necessidade de superar a divisão e o preconceito, e a importância de encontrar um terreno comum onde a paz possa prevalecer.

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE ASSINA OS FIGURINOS

O elenco é constituído por Afonso Molinar, Bruno Ambrósio, Cátia Nunes, Filipe Gomes, Inês Curado, José Leite, Miguel Sopas, Paulo Lages, Pedro Moldão, Rodrigo Saraiva, Sílvia Figueiredo e Tadeu Faustino. Os figurinos são assinados por José António Tenente e a cenografia está a cargo de Ângela Rocha. A criação musical e ilustração pertencem a João Lucas.

Os bilhetes têm um custo de dez euros para o público em geral, e de seis euros para jovens até aos 25 anos e para reformados, munícipes, trabalhadores das autarquias do Seixal e profissionais do espetáculo, caso sejam adquiridos na bilheteira do auditório do Fórum Cultural do Seixal.

A próxima peça do Teatro da Terra a estrear intitula-se "A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança". Da autoria de António José da Silva, sobe ao palco no dia 18 de abril.

Recorde-se que este grupo de teatro profissional foi fundado em 2009, e é, atualmente, a companhia residente do Fórum Cultural do Seixal.

Microsons estende-se a Grândola para **celebrar** Abril

O festival surge integrado nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, apresenta dois concertos de JP Simões e Pedro e os Lobos, com entradas livres.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS **IMAGEM** DR

DEPOIS de uma edição em Oeiras e de duas em Palmela, o Festival Microsons apresenta-se em Grândola, numa organização conjunta entre a agência Luckyman e da autarquia local. Acontece já esta sexta-feira e sábado, a partir das 21h30, no Cine-Granadeiro e no coração da vila, no âmbito das comemorações do 50.º aniversário da Revolução dos Cravos.

O evento itinerante leva até terras grandolense, no primeiro dia, o artista JP Simões, de Coimbra, que pretende prestar homenagem ao cantautor, compositor, arranjador e produtor musical, José Mário Branco, através do álbum "Canções de José Mário Branco". O segundo dia está reservado à atuação do projeto almadense Pedro e os Lobos que promete dar um concerto, com várias influências musicais, assente na apresentação do seu novo álbum "Entre Estações".

Pedro Galhoz, da agência Luckyman, que representa vários artistas nacionais e internacionais e promove concertos, adiantou ao Semmais que deposita "grandes expetativas" na estreia do Microsons em Grândola, na medida em que esta vila representa um símbolo de "grande relevância" na relação com o 25 de Abril.

"É um enorme orgulho apresentar o Microsons em Grândola e vê-lo inserido nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril. Grândola Vila Morena diz tanto ao país em termos de canção e de cultura de Abril. Bem precisamos desta diversão cultural ", sublinhou, acrescentando, contudo, que o certame "não é apenas um festival para celebrar Abril e que, para Grândola, foram escolhidos artistas que representam esse espírito".

O mesmo responsável revelou ainda que está a negociar a passagem do Microsons por outras municípios da região e não só, depois de ter dado o pontapé de saída em 2018, em Oeiras. E conclui que o evento pauta por ter uma "personalidade própria" e "celebra a música portuguesa de autor, pretende levar cultura às pessoas, promover os espaços locais e valorizar e formar públicos para as artes".

Agenda

"9.ª SINFONIA DE BEETHOVEN"

A última sinfonia de Beethoven é considerada precursora do romantismo e a primeira onde foi incorporada a voz humana como elemento estrutural. Um concerto clássico interpretado pela Orquestra Sinfónica Portuguesa e pelo Coro do TNSC, no Teatro Municipal Joaquim Benite, sobre direção de Antonio Pirolli

Almada
4 de fevereiro, às 16h00

"RUY, A HISTÓRIA DEVIDA"

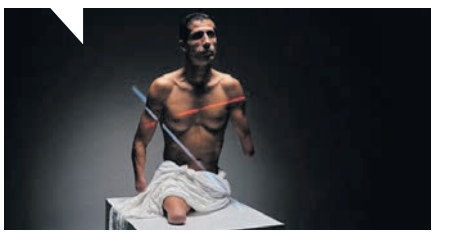
Figura incontornável do teatro em Portugal, leva o mais recente espetáculo ao Auditório Municipal. Um momento emocionante de partilha, onde o ator abre o coração e conta histórias, alguma inéditas, da sua inspiradora carreira e longa vida.

Alcácer do Sal
3 de fevereiro, às 21h00

"NUMB"

Um espetáculo de rua multimédia e multidisciplinar. Assim se apresenta o Teatro do Mar, num conceito, encenação e dramaturgia de Julieta Aurora Santos. A criação apresenta uma reflexão e ponto de partida a apatia social, algo que parece aniquilar a humanidade como hoje a entendemos.

Sines



"O TAMANHO DAS COISAS"

A Casa da Música Jorge Peixinho acolhe a mais recente criação da Terra Amarela. Estreado em novembro de 2023, este monólogo de Alex Cassal foi escrito para o ator Paulo Azevedo que, apesar de ter nascido sem braços e pernas, conseguiu construir uma carreira em teatro e televisão.

Montijo
2 e 3 de fevereiro, às 21h30

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

Segredos da justiça

A PRETEXTO DO PROCESSO da Madeira, caso que a PJ nem sequer quis batizar, apesar de ter sido, como parece, a maior operação técnica, judiciária e logística de que há memória, fala-se agora, reiteradamente no segredo de justiça.

É um assunto recorrente, que devia envergonhar, em primeira instância, os agentes judiciais, aqueles que lidam com os procedimentos instrutórios do primeiro ao último instante. E são também os únicos que podem zelar pelo cumprimento da lei e pela lisura destes processos mais mediáticos, com impacto na rotina da ação de investigação e na defesa da integridade dos visados.

Por isso, o desenvolvimento destes casos, todos eles, independentemente da sua origem e das figuras em causa - que são essenciais no combate à corrupção - acabam muitas vezes por desferir golpes profundos no normal andamento da justiça em Portugal e são, em si mesmo, armas de arremesso sobre cidadãos que gozam ou deviam gozar da presunção de inocência.

Mais, muitas vezes acabam por toldar a investigação em fases que são fundamentais para o apuramento da verdade.

É natural que há medida que decorre uma ação judicial desta envergadura o número de pessoas envolvidas seja tão grande que se torna difícil manter o necessário secretismo. Mas todos sabemos, e eu confirmo, que o jornalismo da atualidade vive destes expedientes e destes espetáculos, na luta para captar uma audiência que suga a miséria humana.

Não é pois nenhuma anormalidade apanhar-se jornalistas à espreita, de câmera apontada a janelas de salas de audiência, das casas dos suspeitos e em todo o lado que mexa, numa invasão de privacidade que não honra a cartilha desta tão nobre profissão e atividade. Mas nos tempos que correm, se não o fizeram outros farão. É este o preceito, que percorre a comunicação social da mais sensacionalista à de maior referência.

E isto também é a democracia a ser abalroada.

Não sei se este caminho terá alguma inversão. Não creio. Antes pelo contrário, porque tudo indica que vá piorar, quando já se vê emissões de canais de televisão a criarem factos e a procurarem, até à exaustão, imagens que deem canal, independentemente das circunstâncias em redor.

UM CAFÉ E DOIS DEDOS DE CONVERSA

PAULO EDSON CUNHA
ADVOGADO

Carta aberta de um candidato ao seu círculo eleitoral Ensaio sobre a cegueira - versão rasca 2023

Caro leitor,
Caro eleitor,

ESCOLHI O TÍTULO por dois motivos: Em homenagem ao autor do livro a que eu "rascamente" faço um apelo, via título, sendo que ainda estamos no chamado "Distrito Vermelho", ainda que de "vermelho" já só tenha pequenos "laivos" e a academia do Benfica e porque penso que, com todo o respeito, parte do que oiço no eleitorado e nas sondagens, esse eleitorado está cego.

Antes de mais, dirijo-me aos eleitores do círculo eleitoral de Setúbal. Por acaso sabem os caros eleitores o que andam a fazer os vereadores que elegeram pelo Chega há cerca de dois anos e meio? Ora bem, aqueles que fizeram o chamado "voto de protesto" nesses autarcas, foram completamente traídos pelos seus vereadores que se aliaram ao poder. Coincidentemente foram três eleitos e os três estão com o poder. Se calhar, antes de votarem nos deputados, não temem que se repita esse comportamento?

Veja-se, um partido em que perde em poucos meses perdeu quarto vereadores desde as eleições, quando elegeu 19, e fica sem qualquer vereação no distrito de Setúbal, não pode ser um partido confiável, sobretudo para quem vota neles por convicção.

Por exemplo, na Moita, dos seis autarcas eleitos passaram a independentes, designadamente o vereador, Ivo Pedaço, dois deputados municipais e três membros das juntas de freguesia. Também o coordenador se desfiliou do partido. Assim, o Chega.

No Seixal, o vereador juntou-se ao partido comunista, viabilizando o executivo e em Sesimbra no caso de Sesimbra, o vereador aceitou um pelouro, o da Proteção Civil, viabilizando também um executivo comunista. Imaginam maior traição ao seu eleitorado? Um vereador de extrema-direita, a quem o eleitorado confiou o seu voto, a viabilizar um executivo comunista que nenhum outro partido aceitou viabilizar?

Por outro lado, pergunto-lhe, caro e(leitor), quer mesmo votar num partido em que 65% do seu programa é inaplicável por ter propostas inconstitucionais?

Ou prefere votar no PCP, um partido que defende a Rússia porque esse País "está a promover a paz" na Ucrânia? É preciso dizer mais alguma coisa?

Admito que queira dar o seu voto ao Bloco de Esquerda, mas se é mesmo assim, se calhar é melhor pensar duas vezes pois mais de metade dos financiamentos que beneficia, directa ou indirectamente vêm da União Europeia e quem nos defende é a NATO e se o BE for governo, perdemos o apoio deesas estruturas, porque eles defendem a saída da NATO e da União Euro+eia. E o caro leitor também defende isso? Pois, bem me parecia.

O PS então, é inenarrável. Um partido no governo há oito anos, que não fez quase nada e o que fez, mais valia não fazer. Um partido que destruiu o Sistema Nacional de saúde, que criou insatisfação em quase todos os sectores da sociedade, que foi gozado e glosado pelas inúmeras trapalhadas, obrigando a demissões em barda, sobretudo por casos e casinhos, de corrupção e/ou de incompetência pura. Votar neste PS, com muitos actores repetidos dos tempos de Sócrates e de António Costa é resignar-nos ao pior de nós mesmos. É batermos no fundo e perdermos a esperança num futuro melhor. É resignar-mos a continuar a ser dos piores da Europa, para onde eles nos guindaram e aceitarmos que não merecemos mais e melhor.

E mais, quem vem agora prometer o pagamento das Scut´s quando há dois meses queria penalizar os donos dos carros mais antigos com um agravamento do IUC, com o argumento que esse dinheiro era para pagar o desagravamento de algumas SCUT´s. Ora, agora que, por motivos eleitorais e pela pressão pública desistiram desse aumento, onde vai o PS buscar esse dinheiro?

Assim, dos grandes partidos o voto útil é na AD. É o voto confiável. Podem até não se identificar a 100% com os partidos, mas tem sido um movimento que tem feito por apresentar propostas exequíveis. Por uma mudança. Pela modernidade. Pela coesão social.

A história também recomenda o voto na AD. Tem sido o PSD o motor da modernidade. Da esperança num futuro melhor. Foi assim com Sá Carneiro, depois com Cavaco Silva.

Mas também fomos o partido da recuperação. Com Balsemão e com Pedro Passos Coelho, que pegaram no País, para corrigir os erros dos socialistas. Será assim com Montenegro que, nos dará a esperança de Cavaco, com o rigor de um Passos Coelho. Estou certo que Portugal ganhará com o seu voto na AD.

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro, Maria Carolina Coelho** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal**, Lda; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - P.ro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais**.pt / /jornalsemmais

À PARTE

LEVI MARTINS
DIRETOR DA COMPANHIA MASCARENHAS-MARTINS

Cem mais

ESTE É O CENTÉSIMO TEXTO que escrevo para o Semmais. Obrigado Raul Tavares e equipa deste jornal pela liberdade e pelo incentivo a continuar a registar as minhas reflexões, sermões, por vezes desabafos, quase sempre sobre o tema que me move: cultura, enquanto cultivo do espírito, seja lá o que isso hoje em dia puder ainda significar. A minha obsessão por esta área já me trouxe inúmeros dissabores, conflitos, problemas de saúde, crises pessoais, ao ponto de ter duvidado, a certa altura, se não devia mesmo mudar de vida. Mas quando as coisas vão mesmo mal, ou seja, quando começo a fazer contas à relação custo-benefício que tem o facto de ter decidido dedicar a minha vida a esta área, há sempre alguma coisa ou pessoa que me reconduz ao entusiasmo primordial, que vem de muito longe, da infância, que surge quando se torna tangível a liberdade na possibilidade de, sobretudo através das artes, nos expressarmos de forma verdadeira, total, e de podermos, através do contacto expressão dos outros, expandir a nossa percepção do mundo (de nós, dos outros, da realidade). Ao longo dos nove anos em que estes textos foram escritos, tentei com frequência captar esse entusiasmo, tendo consciência da dificuldade que existe em torná-lo partilhável.

Noventa e nove textos e nove anos depois, é um facto que muitas coisas mudaram: foi neste período que a Companhia Mascarenhas-Martins conseguiu passar de um punhado de sonhos e desejos a uma realidade tangível, com uma programação regular, equipa fixa, financiamento da DGArtes, da Câmara Municipal do Montijo (com a qual existe uma sólida parceria que permitiu que pudéssemos programar a Casa da Música Jorge Peixinho), da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro, o envolvimento das freguesias de Canha, Pegões, Sarilhos Grandes e Atalaia e Alto Estanqueiro-Jardia e a cumplicidade de entidades como o Ateneu Popular de Montijo ou a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro. Nunca perdemos de vista, no entanto, que o que nos motiva é exactamente o mesmo que nos fez começar este trajecto (e acredito que é o mesmo que motiva os nossos parceiros a terem uma relação connosco); o financiamento, as parcerias, os espaços, nunca foram o fim mas o meio, o que importa é o que se faz, e o que nós fazemos é investir na possibilidade de a actividade artística fazer parte do quotidiano.

No meu primeiro texto aqui publicado, afirmava que iríamos arriscar "fazer aquilo de que gostamos" ao fundarmos uma companhia. Hoje diria que o que arriscámos foi fazer aquilo que não poderíamos deixar de fazer, por ter nascido de uma necessidade. No presente não diria que faço o que gosto, porque em grande parte do tempo isso não corresponde à verdade. Faço aquilo em que acredito, que me parece necessário que seja feito; imagino que esse seja, aliás, um pressuposto também para a Maria [Mascarenhas] e para toda a nossa equipa. Quem se dedica a causas tem de estar disponível para sofrer. Insistir no valor incomensurável da cultura em tempos pouco dados a idealismos implica viver a contrapelo da realidade, o que não é fácil. Nem cem textos, nem nove anos de Mascarenhas-Martins são suficientes. Continuemos.

ARTUR VAZ
ESCRITOR

Mário Viegas - Um caixeiro-viajante de poemas

PALAVRAS NÃO EXISTEM, fora da nossa voz, as palavras não assistem, palavras somos nós.

Foi com estes versos de Gastão Cruz que Mário Viegas, aos 16 anos, dava início à sua carreira de actor e encenador, num espectáculo realizado, em 16 de Dezembro de 1967 no Teatro Rosa Damasceno, em Santarém, declamando poemas de Manuel da Fonseca e Alexandre O'Neill, juntamente com o coro da Academia de Amadores de Música do Maestro Fernando Lopes Graça.

Era o início de uma longa caminhada de uma das figuras mais controversas e polémicas da nossa geração, pois António Mário Lopes Pereira Viegas viria a tornar-se num permanente contestatário dos princípios da sociedade, propriamente dita, estabelecida, não deixando, contudo, de ser um homem de um cariz determinante e impulsivo na defesa da cultura do seu país.

Depois de passar pelo Conservatório Nacional, onde se inscreveu no Curso Nocturno de Arte de Dizer e Representar, do professor Carlos de Sousa, fazendo a sua primeira representação com a peça "Cavalgada nas Nuvens", de Carlos Selvagem, Mário Viegas estreia-se como actor profissional no TEC - Teatro Experimental de Cascais, com a peça "O Comissário de Policia" de Gervásio Lobato, encenada por Carlos Avilez, a 16 de Fevereiro de 1968, sendo seus padrinhos a actriz Lia Gama e o actor Mário Pereira.

A luta pela Liberdade e pela divulgação da nossa cultura, leva o actor a fazer-se à estrada, juntamente com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Carlos Paredes, percorrendo Portugal de Norte a Sul, militando de forma convicta nos ideais da democracia, agitando a voz dos poetas numa simbiose com a música das guitarras, definindo-se como "caixeiro-viajante de poemas".

Obsessivamente intervencionista nas suas atitudes como actor, Mário Viegas marcou sempre a diferença.

Profundo estudioso da nossa poesia, Mário Viegas foi, nos seus programas "Peço a Palavra", "Palavras Ditas" e "Palavras Vivas", uma voz activa na divulgação dos nossos poetas mais representativos.

Candidato às eleições presidências em 1993, foi-lhe atribuído no ano seguinte por Mário Soares, então Presidente da República, o título de Comendador da Ordem do Infante.

Defensor intransigente da intimidade humana, viria a falecer no dia 1 de Abril de 1996, perdendo-se um actor de raro quilate, «aquele que um dia ousou levar o Sonho ao Poder...»

Sobre ele, escreveu José Saramago: «Fazia rir. Mas não ria. Pouca gente em Portugal tem valido tanto.»

Reeditada há dias a sua obra "MARIO VIEGAS - Auto-photo biografia (não autorizada)", composta de fotos, recortes de jornais e até banda desenhada toda a sua vida, o seu pensamento, os seus amores, as suas tristezas, no fundo tudo aquilo que o transformou no um dos maiores actores da sua geração, e que tanto nos deslumbrou.

Passados vinte e sete anos da sua morte, Mário Viegas continua bem vivo na memória dos portugueses como "a referência da mentalidade mais avançada, em termos de humor".

VALDEMAR SANTOS
MILITANTE DO PCP

O motor da História, e a Palestina nas nossas ruas, nas nossas paredes

NA MANHÃ em que foi anunciada a morte clínica de Yasser Arafat, uma muito jovem rapariga chamada Cátia foi uma das primeiras cidadãs da Península de Setúbal a ter acesso, dias antes, a dois dos cadernos editados pelo Conselho Português para a Paz e a Cooperação (CPPC), em parceria com a Câmara Municipal de Beja, no quadro da Campanha "Tenho um caderno igual ao teu". Em termos práticos, a partir de uma canção de Sérgio Godinho ("São dois braços, são dois braços / servem para dar um abraço / assim como quatro braços / servem para dar dois abraços"), tratou-se de divulgar o máximo de exemplares na base da aquisição de dois pela oferta de um euro, receita destinada à construção de escolas na Palestina, sendo que, de par em par, um dos cadernos foi igualmente destinado às crianças daquela terra martirizada com uma mensagem (a traduzir em árabe) e um desenho, enquanto o outro ficava em mãos portuguesas, preenchendo-se no dia a dia ou nos "trabalhos de casa" de uma qualquer escola até, quiçá, ser guardado como memória futura, tanto individual como colectiva, deste acto enternecedor. Protagonista empenhada da recomendação de os mostrar a outros "colegas" e professores da Escola Básica nº 2 - Jardim de Infância do Alto do Moinho (Seixal) que frequentava, num ápice de vinte e quatro horas Cátia obtivera como resposta o pedido de mais 270 exemplares ("para já"). E ensinou toda a gente: "Às vezes dou-me a pensar que só não fazemos o que não queremos!..."

Sabemos o que estava em jogo na Palestina e em todo o Médio Oriente, e que a invasão e a ocupação do Iraque, obedecendo a desígnios do imperialismo norte-americano de domínio estratégico económico e militar, encontravam contudo a sua razão maior de ser no exemplo da resistência do povo palestiniano por uma pátria livre, soberana e independente. Da mesma maneira que um cartaz latino-americano (que não editado em Havana) assegura que "Sem Cuba nada seria igual", a Intifada, ao fazer-se pagar cara pelos tiros certeiros do exército sionista que atingem cérebros e corações sob as ordens, em primeira mão, de um governo sustentado por um partido filiado na Internacional Socialista, em desrespeito pela Convenção 242 do Conselho de Segurança da ONU - a Intifada coloca na magnitude dos problemas a simples questão do querer. Deslumbra, no sentido épico da palavra, a quantidade de crianças e jovens que perecem na linha da frente, mas é porque ali, como já tivemos ocasião de escrever, não podia ser de outra maneira, quando se confirma a asserção de Marx e de Engels segundo a qual são as massas que fazem a história.

Mas também é aqui que reside a origem do palco da guerra, sem a qual tanques contra pedras seriam um cenário incompreensível: se é verdade que não poucas vezes são ainda as massas e só estas a empunhar a bandeira da legalidade democrática, no sentido progressista da história, resta que, sempre segundo Marx e Engels, a história é movida por um só motor, o motor da luta de classes.

PUBLICIDADE

Desfile Noturno Sábado

Carnaval do Montijo 2024

Entrada livre

Corsos Fevereiro

10, 11, 13

21h30

15h00

www.carnavaldomontijo.pt

Promotores:

Montijo Câmara Municipal

MONTIJO E AFONSOEIRO

Organização:

SOMOS PEIXINHO Associação dos Antigos Alunos

Patrocínios:

FLORINEVE PORTUGAL

COOPERATIVA AGRÍCOLA SANTO ISIDRO DE PEGÕES

FULLQUEST Comunicação & Marketing